

TEOLOGIA, PREGAÇÃO E A DEFESA DA NOSSA FÉ

Hermisten Maia Pereira da Costa¹

RESUMO

Fundamentado nas Escrituras, analisa a importância de se anunciar o Evangelho com veracidade. Para tanto, descreve a necessidade de nos valermos de uma hermenêutica proveniente das Escrituras, da exegese e da Teologia para uma adequada compreensão da Palavra a fim de proclamá-la com fidelidade, profundidade e intensidade, levando, por graça, cativo, todo pensamento à obediência de Cristo, que se manifestará de forma concreta em uma oferta integral a Deus por meio de nossa liturgia de vida em obediência e adoração.

Palavras-chave: Pregação. Apologética. Teologia Reformada. Culto. Hermenêutica.

ABSTRACT

With Scripture founded, he analyzes the importance of preaching the Gospel in a true way. In order to do so, he describes the need of a Scriptural hermeneutics, exegesis and theology for a proper good comprehension of the Word to proclaim it with fidelity, deepness and acuteness, having the thoughts submitted, by grace, to the obedience to the Christ, which will show up in a concrete form, in a whole offering to God, by means of our life liturgy, obedience and worship.

Keyword: Preaching. Apologetics. Reformed Theology. Worship. Hermeneutics.

¹ Doutor e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP); especialista em Educação, Didática do Ensino Superior, Administração com Ênfase em Recursos Humanos, Estudos de Problemas Brasileiros pela Universidade Mackenzie e em História do Século XX no Brasil pela FAI; graduado em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG) e Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (SPS). Professor da Universidade Mackenzie (UPM), Centro Universitário de Maringá e Seminário Presbiteriano de Campinas/SP; professor visitante em instituições de Ensino Superior de Teologia no Brasil e no exterior; pastor de igreja local. Autor de várias dezenas de livros e muitas centenas de artigos científicos. E-mail: hermisten@terra.com.br.

O cristão [...] jamais pode olhar a verdade com apatia ou desdém. Pelo contrário, ele preza e valoriza a verdade como reflexo do próprio Deus (CRAIG, 2010, p. 11).

Não devemos cometer o erro de fazer da evangelização uma inimiga da Teologia e do discipulado um inimigo da erudição edificante” (PIPER, 2011, p. 25).

Ainda que a apologética e o evangelismo sejam conceitos diferentes, não podem existir isolados um do outro. [...] Somos chamados a ser apologistas e evangelistas. Confrontar o erro é proclamar a verdade e vice-versa (BUSENITZ, 2012, p. 66, 67).

INTRODUÇÃO

A nossa fé é sempre um transpirar de nossa Teologia. A Teologia é uma sistematização do revelado na Palavra, a fim de tornar mais compreensível a plenitude da revelação. A Teologia, portanto, nada tem a dizer além da Escritura. Ela não a substitui nem a completa, antes, deve ser a sua serva. A Teologia brota dentro da intimidade da fé daqueles que cultuam a Deus e comprometem-se com a edificação da igreja. Deste modo, devemos entender que “a teologia robusta, em vez de obstruir a prática do ministério, enriquece-o, visto que a prática do ministério aprimora e aumenta a apreciação de alguém pela teologia” (PIPER, 2011, p. 15).

1 TEOLOGIA E PREGAÇÃO

A Teologia Sistemática funciona como boias (ou se preferirem, faróis) que servem para guiar, sinalizar e orientar o pregador na elaboração do seu sermão.² A Palavra de Deus é um todo orgânico que se harmoniza; todavia, esta compreensão só será possível por intermédio do seu estudo sistemático. O estudo da Teologia Sistemática – aliado obviamente à leitura e meditação das

² Fiquei satisfeito ao ler em Barth (1969, p. 87), advertência semelhante: “Os dogmas são como boias, postes indicadores que assinalam a boa direção. Não é preciso fazer uma exposição dos dogmas nem expor seu conteúdo teológico, senão deixar-se guiar por eles”.

Escrituras –, ajuda-nos neste processo de conhecimento global: a harmonia da revelação de Deus está presente em todas as páginas da Bíblia. Por isso, o pregador terá melhores condições de entender o texto que servirá de base para o seu sermão, recorrendo à exegese, à história bíblica e à Teologia Bíblica e Sistemática, tendo uma visão mais clara do que as Escrituras nos ensinam a respeito daquele passo sagrado. Chapell define exegese como “o processo mediante o qual os pregadores descobrem as definições e as distinções gramaticais das palavras num texto” (2002, p. 113). MacArthur Jr. enfatiza: “Ninguém tem o direito de ser um teólogo se não for um exegeta” (2003, p. 50).

1.1 A hermenêutica e a pregação

A *Confissão de Westminster* (1647) expressa bem este conceito ao dizer, no Capítulo 1, seção 9:

A regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente. (Mt 4.5-7; 12.1-7).

Em 1969, nas conferências que realizava no Seminário Teológico Westminster, Martin Lloyd-Jones (1889-1981) demarca bem a questão, dizendo que a pregação deve ser sempre teológica, mas, ao mesmo tempo, não deve consistir em *preleções sobre teologia*.³ Por outro lado, nos adverte quanto ao perigo de tentarmos impor as nossas ideias e nossa *Teologia Sistemática* a textos particulares, forçando assim o texto a dizer o que não diz (LLOYD-JONES, 1984, p. 48).⁴ Entre uma linha demarcatória e outra, resume:

³Do mesmo modo, Barth, nos instruindo sobre o caráter confessional da pregação, acrescenta: “Não se trata, naturalmente, de pregar as confissões de fé, senão de ter como meta e limite de nossa mensagem, a confissão da Igreja, de colocar-nos onde se coloca a Igreja” (1969, p. 4).

⁴No dia 6 de outubro de 1977, no Discurso proferido na inauguração do Seminário Teológico de Londres, Lloyd-Jones, ratificaria o seu pensamento: “A Teologia não é uma prisão, ou algo que acorrenta o homem; antes, deve-se pensar nela em termos daquilo que o esqueleto, a estrutura óssea do corpo humano, é para o corpo. Ou se preferirem, a Teologia pode ser comparada com o conjunto de andaimes que se arma quando se está construindo um grande edifício. A Teologia terá que estar presente, se é que você deva ter uma boa pregação, porém não a deverá pregar de maneira esquemática ou estrutural. Ela está ali para dar corpo ao sermão e para livrar você de dizer algo errôneo ou de extraviar-se” (LLOYD-JONES, 1994, p. 389). Advertência semelhante encontramos em Thielicke (1990, p. 61-62): “A Teologia pode ser uma fria camisa de ferro que nos esmaga, e nos congela até a morte. Pode ser também – para isto ela existe – a consciência da congregação cristã, sua bússola, e o canto de louvor das ideias”. Acrescentaria que a Teologia deve ser “a consciência da congregação cristã” norteada pela Palavra.

O pregador deveria ser bem versado em teologia bíblica, a qual, por sua vez conduz à teologia sistemática. Para mim, nada é mais importante para um pregador do que o fato que ele deveria estar de posse da teologia sistemática, conhecendo profundamente e estando bem arraigado nela. Essa teologia sistemática, esse corpo de verdades derivadas das Escrituras, sempre deve fazer-se presente como pano de fundo e influência controladora da pregação. Cada mensagem, que provém de algum texto ou declaração específica das Escrituras, sempre deve fazer parte ou ser um aspecto desse conjunto total da Verdade. Jamais será algo isolado, jamais será algo separado ou desvinculado. A doutrina que houver em qualquer texto específico, nunca deveríamos olvidar, faz parte desse conjunto maior – a Verdade ou a Fé. Esse é o significado da frase 'comparando Escritura com Escritura'. Não podemos manipular nenhum texto isolado; toda a nossa preparação de um sermão deveria ser controlada por esse pano de fundo de teologia sistemática [...]. O emprego correto da teologia sistemática consiste em que, quando descobrimos alguma doutrina específica no texto selecionado, nós averiguamos e controlamos, assegurando-nos de que ela cabe dentro de todo esse corpo de doutrinas bíblicas que é vital e essencial. (LLOYD-JONES, 1984, p. 48, 49).

1.2 A pregação e a apologética

No século XX, C. S. Lewis (1898-1963) em mais uma de suas ficções, cria um personagem demoníaco (1941) que, por meio de cartas infernais, ensina ao demônio mais jovem como solapar com sutileza a igreja e termina por nos mostrar algumas estratégias de Satanás. Segue uma delas:

Ora, se conseguirmos fazer com que os homens fiquem a formular perguntas assim: 'isto está em consonância com as tendências gerais dos movimentos contemporâneos? É progressista, ou revolucionário? Obedece à marcha da História?' então os levamos a negligenciar as questões efetivamente relevantes. E o caso é que as perguntas que assim insistirem em formular são irrespondíveis; visto que não conhecem nada do futuro e o que o futuro haverá de ser dependerá muitíssimo, exatamente, daquelas preferências a propósito das quais buscam socorro do futuro. Como consequência, enquanto suas mentes ficam assim a zumbir nesse verdadeiro vácuo, temos nossa melhor oportunidade de até imiscuir-nos para forçá-los à ação correspondente aos nossos propósitos. A obra já realizada neste sentido é enorme (LEWIS, 1964, p. 160-161).

O propósito da pregação cristã não pode ser simplesmente debater por debater, ou vencer o seu adversário.⁵ Talvez haja aqui algo de sutilmente ardiloso e diabólico.⁶ Toda pregação visa conduzir

⁵ Veja-se: BRUCE, 1977, p. 8-9.

⁶ Calvino adverte os pastores quanto a isso: "Essa é a trama de Satanás, ou seja: que, mediante perversa loquacidade de tais homens, ele enreda os bons e fiéis pastores com o fim de distraí-los de sua preocupação pela doutrina. Daí a necessidade de nos precavermos e não permitirmos qualquer envolvimento em argumentos polêmicos; porque, do contrário, jamais nos veremos livres para direcionar nosso labor em prol do rebanho do Senhor, nem os homens amantes de polêmicas nos deixarão de perturbar" (1998, (Tt 3.10), p. 357). No século XX, Lloyd-Jones também nos advertiu:

o homem a Cristo, o Deus-Encarnado. Sabemos de nossas limitações aqui. Podemos e devemos pregar a Palavra em sua inteireza, com fidelidade, sinceridade e real interesse. Contudo, a conversão é obra do Espírito de Deus. Faremos bem em nos ater à nossa esfera confiada por graça a nós (1 Co 9.16; Ef 3.8).

Calvino, com a lucidez que lhe é própria, já nos advertiu em mais de um lugar:

Gostaria que isso fosse levado em conta por aqueles que estão sempre com a língua bem afiada, procurando polemizar em cada questão e sofismar em torno de uma única palavra ou sílaba. Mas eles são impulsionados pela ambição, a qual, como sei de experiência pessoal com alguns deles, às vezes é uma doença quase fatal. O que o apóstolo diz acerca da subversão daqueles que ouvem é plenamente comprovado pela observação diária. É natural que em meio às contendas percamos nossa apreensão da verdade, e Satanás faz mal uso das controvérsias como pretexto para subverter e destruir nossa fé [cf. 2 Tm 2.14] (CALVINO, 1998, p. 233).

A ambição é sempre contenciosa e nos conduz às polêmicas, de modo que aqueles que desejam aparecer estão sempre prontos a desembainhar a espada a pretexto de qualquer tema [cf. 1 Tm 6.20] (1998, p. 186).

O orgulho ou autoglorificação é a causa e ponto de partida de todas as controvérsias, quando cada um, reivindicando para si além de sua capacidade, está ávido em ter outros sob seu poder [cf. 1 Co 4.6] (CALVINO, 1996, p. 133).

Olhando por outro prisma, Calvino como pastor que era, revela aspectos de sua sensibilidade ministerial: “um bom pastor deve estar sempre alerta para que seu silêncio não propicie a invasão de doutrinas ímpias e danosas, e ainda propicie aos perversos uma irrefreada oportunidade de difundi-las [cf. Tt 1.11]” (1998, p. 316).

Portanto, devemos nos preparar para apresentar, quando necessário, uma defesa de nossa fé. Devemos saber em quem e porque cremos. A Palavra de Deus é o fundamento de nossa fé e da apresentação do Evangelho. A instrução de Paulo é fundamental: “Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Ef 6.17). Não podemos ir para a guerra desarmados ou com armas inadequadas resultantes da ignorância de quem são nossos adversários e qual o propósito desta luta. Portanto, “quando a apologética é biblicamente aplicada, o evangelismo é fortalecido” (BUSENITZ, 2012, p. 63). Não podemos defender a causa de Deus sem nos valermos

“Fazer polêmica pela polêmica é sempre obra do diabo” (2006, p. 55).

do ensino, correção, disciplina e método do próprio Deus, tendo sempre diante de nós, o propósito de Deus. A apologética contempla também, em seus objetivos, conduzir o homem, em sua agonia e desespero resultantes de seu afastamento de Deus, à reconciliação com o seu Senhor por meio de Jesus Cristo. Isto é somente pela graça de Deus (2 Co 5.18-6.3). Sem a graça, todo o nosso labor será em vão. O nosso labor não se opõe à oração nem esta exclui aquele.⁷

Francis Schaeffer (1912-1984) é enfático:

A apologética, como eu encaro, não deve ser de forma alguma separada da evangelização. De fato, eu me pergunto se a ‘apologética’ que não leva as pessoas até Cristo como salvador, e depois para o viver sob o senhorio de Cristo, na verdade pode ser considerada apologética cristã (SCHAEFFER, 2002, p. 261).⁸

Antes de qualquer coisa, é importante lembrar que não podemos separar a verdadeira apologética da obra do Espírito Santo, tampouco de um relacionamento vivo com o Senhor, em oração, da parte do cristão. É preciso entender, afinal de contas, que a nossa batalha não é só contra carne e sangue (SCHAEFFER, 2002, p. 214).⁹

A apologética, além de defesa da fé, tem também um sentido de proclamação, de testemunho de sua fé e esperança. Paulo, na prisão, diz aos filipenses: “...vos trago no coração, seja nas minhas algemas, seja na *defesa* (ἀπολογία)¹⁰ e *confirmação* (βεβαίωσις)¹¹ do evangelho...” (Fp 1.7; 1.16) (ênfase nossa). Pedro escreve aos irmãos das igrejas da Dispersão dizendo que eles deveriam estar “...sempre *preparados* (ἔτοιμος)¹² para *responder* (ἀπολογία) a todo aquele que

⁷ Veja-se: SCHAEFFER, 2002, p. 259. “O melhor método apologético tem pouco valor a não ser que atinja em cheio o coração da pessoa. [...] O método apologético sadio e efetivo começa e termina com a adoração a Deus” (EDGAR, 2000, p. 69).

⁸ “Definida de modo amplo, a apologética sempre tem sido uma parte da evangelização” (HOOVER, 1988-1990, Vol. I, p. 99).

⁹ Veja-se também: (CRAIG, 2006, p. 21ss). Da mesma forma afirma Edgar: “Quando fazemos apologia estamos travando uma batalha espiritual” (2000, p. 39).

¹⁰ At 22.1; 25.16; 1 Co 9.3; 2 Co 7.11; Fp 1.7,16; 2 Tm 4.16; 1 Pe 3.15. O verbo ἀπολογέομαι é empregado da mesma forma, sendo utilizado somente por Lucas e Paulo (Lc 12.11; 21.14; At 19.33; 24.10; 25.8; 26.1,2,24; Rm 2.15; 2 Co 12.19). As palavras tinham um emprego jurídico (2 Tm 4.16). É célebre a passagem na qual Sócrates (469-399 a. C.), alega não ter apresentado uma apologia (ἀπολογία) em sua defesa diante dos juizes porque o seu demônio se opôs (Veja-se: XENOFONTE, 1972, IV.8.5, p. 163). Compare a declaração de Sócrates com outra que faz a respeito da influência do demônio em sua vida (PLATÃO, 1972, 31 c-d, p. 22).

¹¹ A ideia da palavra é de solidez, indicando um firme fundamento. Ela tem o sentido aqui de apresentar as evidências confirmadoras do Evangelho. Βεβαίωσις (Fp 1.7; Hb 6.16). Ver também: Βεβαίως (* Rm 4.16; 2Co 1.7; Hb 2.2; 3.6,14; 6.19; 9.17; 2Pe 1.10,19) e Βεβαίω (*Mc 16.20; Rm 15.8; 1Co 1.6,8; 2Co 1.21; Cl 2.7; Hb 2.3; 13.9).

¹² Tendo o sentido de pronto, apercebido, atento. A igreja deve estar pronta, preparada para toda boa obra (1Pe 3.1). A nossa salvação está pronta, preparada para manifestar-se no último dia (1Pe 1.5).

vos pedir razão da esperança que há em vós” (1 Pe 3.15) (ênfase nossa).

Paulo, no final de sua vida, não deu um *salto no escuro*, antes declarou a sua inabalável confiança no Deus que conhecia e pelo qual dedicou a sua vida: “...porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia” (2 Tm 1.12).

Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fê. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda (2 Tm 4.6-8).

Paulo não fala de hipóteses ou teorias; ele afirma, sim, a sua firme certeza na verdade de Deus.

Numa sociedade pragmática e imediatista, onde o verdadeiro é o que funciona e proporciona mais conforto e sucesso, já não existe interesse pela verdade. Ela tornou-se irrelevante. (Veja-se: CRAIG, 2010, p. 11). No entanto, a busca da verdade pela verdade é uma característica fundamental da Igreja. Já que cabe à Igreja o privilégio de proclamar a Palavra, ela tem de compreender as Escrituras para anunciá-la com fidelidade e vivenciá-la para proclamar com autoridade. Por isso, a Igreja é chamada de *coluna e baluarte da verdade*, porque a ela foram confiados os oráculos de Deus (Rm 3.2; 1 Tm 3.15). A Igreja como baluarte da verdade está amparada no fundamento que consiste na obra de Deus realizada por intermédio de Cristo (Mt 16.18; Ef 2.20). “Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve; para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, *coluna* (στῦλος)¹³ e *baluarte* (* ἑδραίωμα) da verdade (ἀλήθεια)” (1 Tm 3.14-15) (ênfase nossa).

Deus se dignou em preservar a verdade por meio da Igreja. Quando a Igreja falha neste propósito ainda que a verdade não seja abalada em sua essência, ela se torna fragilizada em sua exposição e aceitação.

A igreja enfrenta aqui dois perigos evidentes:

¹³ Gl 2.9; 1Tm 3.15; Ap 3.12; 10.1.

a) A *barganha* com o mundo. Na pretensão de ser ouvida de forma impactante, negocia os seus valores por meio da assimilação dos valores seculares. Na adoção desta prática a igreja perde totalmente a sua relevância como voz profética de Deus para a sua geração;

b) A *privatização* da fé: A minha religião e nada mais. Criamos aqui uma espécie de tribalismo religioso, onde cultivamos a nossa fé intramuros e nada temos a ver com o que se passa *lá fora*, exceto, quem sabe, por meio da *internet* ou televisão.

A igreja é chamada a atuar do mundo. Esta atuação engloba uma agenda que envolva uma mudança de perspectiva em nossa relação familiar, profissional, social, econômica, política e religiosa. A relevância da verdade sustentada pela igreja deve se manifestar em todas as esferas.

A Igreja tem, portanto, a grande responsabilidade de estudar a Palavra, proclamá-la e vivenciá-la. A Igreja é o meio de demonstração desta verdade (Ef 3.8-11). A nossa responsabilidade primeira é com a verdade de Deus. (Veja-se: MACK; SWAVELY, 2006, p. 17-24).

É preciso lembrar sempre que “[...] conhecer a Deus pela fé, portanto, é o alvo da apologética” (EDGAR, 2000, p. 131).

2 PREGAÇÃO E CULTO¹⁴

A alma pode prescindir de todas as coisas, menos da Palavra de Deus, e fora da Palavra de Deus nada mais pode auxiliá-la. Quando, porém, ela possui a Palavra, de nada mais necessitará, pois na Palavra ela encontrará satisfação, alimento, alegria, paz, luz, ciência, justiça, verdade, sabedoria, liberdade e todos os bens em abundância (LUTERO, 1998, p. 27).

[A Escritura] é o mais importante e precioso bem de que dispomos nesse mundo, uma vez que ela é a chave que nos abre o reino de Deus e nele nos introduz para que saibamos qual o Deus que devemos adorar e para quem Ele nos chama; [ela] é o caminho certo que nos conduz de tal modo que não vaguemos errantes, de lá para cá, durante todo o tempo de nossa vida; é a norma verdadeira para que possamos discernir entre o bem e o mal e nos exercitar no correto serviço de Deus, para que não ajamos irrefletidamente, indo atrás de mesquinhas de nenhum valor e, por vezes, buscar nossa devoção em coisas que Deus condena e reprova como sendo maléficas (CALVINO, 2008, p. 34).

¹⁴ Para uma abordagem bastante prática concernente à pregação apologética, veja-se: MCGRATH, 2008, p. 325ss.

Pregação é a exposição do texto bíblico à luz dos ensinamentos das Escrituras, aplicando-a às necessidades de seus ouvintes. A pregação contém em sua própria essência um apelo para que os homens se reconciliem com Deus por meio de Jesus Cristo (2 Co 5.20) e caminhem com ele conforme a orientação de sua Palavra. Se desejamos conduzir os pecadores a Cristo, não dispomos de nada mais eficaz – porque de fato não precisamos mesmo – do que a Palavra infalível de Deus (Hb 4.12), a qual cumpre sempre o propósito para o qual foi-nos concedida.

Relendo Schaeffer, encontrei uma descrição de um dos objetivos da apologética que flui nesta mesma direção: “O lado positivo da apologética é a comunicação do Evangelho à geração presente de modo que possam entender” (2002, p. 213).

O grande objetivo da Palavra de Deus é nos conduzir a Cristo, o nosso Senhor. Ela testemunha de Cristo e do eterno poder de Deus (Mt 22.29; Jo 5.39; Lc 24.27, 44-47). Deste modo, a pregação não pode ter outro objetivo senão o de ser fiel ao objetivo da Palavra de onde decorrem o seu ensino, fundamento e autoridade. A pregação visa promover o que de fato é o fim de todas as coisas: Deus. Toda genuína pregação deve ser expositiva; buscando um total comprometimento com a compreensão e transmissão fiel das Escrituras.¹⁵ A pregação expositiva¹⁶ é uma decorrência natural da inspiração e inerrância das Escrituras e do nosso chamado a sermos servos das Escrituras, onde temos a Constituição de nosso Senhor, para ser crida e obedecida.¹⁷ “Deus [é] o autor da pregação!” (CALVINO, 1985-1989, IV.1.6).

¹⁵ “Um sermão sempre deve ser expositivo” (LLOYD-JONES, 1984, p. 52). “Toda pregação genuína é pregação expositiva” (STOTT, 2003, p. 133). “Nosso comprometimento com a eficiência única da Escritura significa que desejamos estar seguros de estar dizendo o que a Bíblia diz” (CHAPELL, 2002, p. 40). “Quando nos propomos a expor um texto, precisamos declarar exatamente o que o texto afirma” (MACRAE, 2000, p. 4).

¹⁶ “Eu defino pregação expositiva como aquele estilo de pregação cristã que tem como propósito central a apresentação e a aplicação do texto da Bíblia. Todos os demais pontos e interesses estão subordinados à tarefa central de apresentar o texto bíblico. Sendo a Palavra de Deus, o texto da Escritura tem o direito de estabelecer tanto o conteúdo quanto a estrutura do sermão” (MOHLER JR., 2010, p. 64).

¹⁷ Referindo-se ao púlpito de Genebra sob o pastado de Calvino, Lawson afirma: “Esse púlpito se tornou um trono do qual a Palavra de Deus reinava, governando os corações daqueles que se uniram no esforço histórico de reformar a igreja” (2010, p. 95).

A pregação, portanto, será sempre apologética, como nos instrui Frame:

Apologética e pregação não são duas coisas diferentes. Ambas são tentativas para alcançar os descrentes para Cristo. Pregação é apologética porque objetiva a persuasão. A apologética é pregação porque apresenta o evangelho para a conversão e a santificação. Entretanto, as duas atividades têm diferentes perspectivas ou ênfases. A apologética enfatiza o aspecto da persuasão racional, enquanto a pregação enfatiza a busca de mudanças piedosas na vida das pessoas (FRAME, 2010, p. 21-22).

Deus e a Escritura estão inextricavelmente ligados. Deus nos deu a Escritura. A Escritura aponta para Deus. Ele mesmo nos faz compreender isso nos conduzindo à salvação em Cristo e à glorificação do Deus Triúno.

McGrath acentua aspectos desta verdade: “A compreensão evangélica do íntimo relacionamento entre Jesus Cristo e a Escritura é tal, que um apelo a Cristo é simultaneamente um apelo à Escritura, assim como um apelo à Escritura é um apelo a Cristo” (2007, p. 44).

A Escritura está literalmente centrada em Cristo e Cristo está nela envolvido. Só por meio da Escritura Ele pode ser conhecido. Quando interpretada corretamente, a Escritura conduz a Cristo, que, só por intermédio da Escritura pode ser apropriadamente conhecido (MCGRATH, 2007, p. 46).

Somente pela Escritura podemos ter o conhecimento adequado de todas as coisas. A Escritura não é um manual de ciência, contudo, nela encontramos o sentido de todas as coisas. Sem as Escrituras o nosso conhecimento por mais completo que seja será sempre inadequado.

Van Til (1895-1987) escreveu com pertinência:

Não há nada neste universo sobre o qual os seres humanos possam ter informação completa e verdadeira, exceto se levarem a Bíblia em consideração. Não queremos dizer, é claro, que alguém deve recorrer à Bíblia, em vez de ir ao laboratório, se pretende estudar a anatomia de uma serpente. Mas se alguém vai apenas ao laboratório, e não também à Bíblia, não terá uma interpretação correta, ou mesmo verdadeira, acerca da serpente” (VAN TIL, 2010, p. 21).

O sábio manejo da Escritura significa estudá-la, vivenciá-la e proclamá-la conforme o seu propósito. O manejo sábio da Escritura envolve, necessariamente, fidelidade ao Senhor da Escritura. A igreja, portanto, é chamada a ser serva e não senhora da Revelação.

A Igreja é vocacionada por Deus para prestar-lhe culto (1 Pe 2.9-10). “Adoração não é somente apropriada para a igreja; ela é o propósito da igreja”, conclui corretamente Vaughn (2005, p. 10). No culto, mais do que cânticos, orações e ofertas, oferecemos a nós mesmos a Deus. Somos chamados por Deus para esta gloriosa e específica tarefa que envolve toda a nossa existência: cultuar é a razão de ser da Igreja. No entanto, o que tenho observado, digo isso com bastante cautela, é que a Igreja tem se *especializado* em *evangelização* e não em *adoração*. O novo convertido é direcionado psicologicamente (recrutado), mais do que teologicamente, a *evangelizar*, não à adoração e ao crescimento espiritual.¹⁸ Parece-me que em nossas igrejas – especialmente quando há metas e propósitos estrategicamente estabelecidos para o Espírito Santo –, o culto é todo organizado para atingir os visitantes, propiciar emoções cativantes, ambiente agradável e bem cronometrado. Note bem: não estou sustentando que evangelizar seja algo acidental na vida da Igreja, que o culto não deva ser biblicamente agradável e que não tenha hora para começar nem para terminar. O que estou querendo dizer é que temos corrido o sério risco de esvaziar o sentido de adorar a Deus, submetendo a adoração ao que chamamos de evangelização: anunciar a salvação aos incrédulos. Ou, incorrer numa inversão de valores, conforme acentua Kuiper:

O que deveria ser secundário, com freqüência é tomado como principal. O que deve servir de meio é considerado como fim. Os cristãos se reúnem na igreja para alegria dos santos. Isso, por certo é bom, na medida que é assim, porém isso não é suficiente. Os cristãos devem ir à igreja para ter comunhão com Deus. Se celebram os cultos de adoração com a esperança de que os pecadores sejam salvos através da pregação da Palavra de Deus, não há dúvida que isto é bom; porém, não podemos nos esquecer que a salvação dos pecadores é um meio para glorificar a Deus (KUIPER, 1985, p. 327-328).

A meta fundamental da Igreja é adorar a Deus, como ele mesmo ordenou, e levar o Evangelho a todos os povos. Todas as nossas demais atividades devem se adequar a essas. (Vejam-se: JOHNSON, 2001, p. 20-21; HORTON, 1998, p. 83). Tozer (1897-1963) enfatiza:

¹⁸ Vejam-se as pertinentes críticas de Tozer (1986, p. 114).

O que passamos por alto é que ninguém pode ser um trabalhador, se primeiro não for um adorador. O trabalho que não procede do culto é fútil, e não passará de madeira, feno e palha no dia que há de julgar as obras dos homens. Pode-se afirmar como axioma que, se não adorarmos, não poderemos trabalhar aceitavelmente. (TOZER, 1986, p. 114).

Para Calvino, o culto cristão oferecido conforme a vontade de Deus é a síntese da vida cristã:

Então, se se questionar quais são as principais razões por que a religião cristã tem uma duradoura existência entre nós, saber-se-á que as duas seguintes não são apenas as principais, mas compreendem em si mesmas todas as outras partes e, por conseguinte, toda a substância do cristianismo, a saber: primeiro: o conhecimento do modo pelo qual Deus é devidamente adorado; e segundo, de qual fonte deve-se obter a salvação. Quando essas duas são mantidas fora de perspectiva, embora possamos nos gloriar no nome de cristão, a nossa profissão será vazia e vã. (CALVINO, 1998b, p. 196).

Dentro daquela visão limitante de culto, o cantar, orar, participar da Ceia, ler as Escrituras, consagrar os nossos dízimos e ouvir o sermão, não tem valor se não for marcado por “conversões”. Deus deve ser adorado não simplesmente pelo que ele faz, mas pelo que ele é.¹⁹ O fazer de Deus é sempre uma manifestação daquilo que ele é na sua essência. Por isso, nós cultuamos a Deus na beleza de sua santidade. Nunca a Igreja é tão edificada do que quando ela glorifica a Deus! O nosso culto deve ser, essencialmente, um ato de glorificação a Deus²⁰, ou seja, o reconhecimento de sua majestade em si mesmo e nos seus atos. “Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome; trazei oferendas e entrai nos seus átrios; adorai o SENHOR na beleza da sua santidade” (1 Cr 16.29; Sl 27.4; 29.2). Quando nos falta esta compreensão e o desejo de contemplar a *beleza* do Senhor, só nos resta, numa atitude pagã, buscar a *beleza* que se acomode ao nosso gosto pecaminoso, contratando para isso quem possa nos entreter. “O sacerdote idólatra *escolhe*²¹ madeira que não se corrompe e

¹⁹ “O verdadeiro culto é louvor a Deus por quem Ele é e pelo que ele tem feito e, se isto não for o centro e coração do que estamos fazendo, o nosso, assim chamado, culto, não é um verdadeiro culto” (BOICE, 2003, p. 166).

²⁰ “Não busquemos as coisas que nos agradam, mas sim as que agradam a Deus e que se prestam para exaltar a Sua glória” (CALVINO, 2006, Vol. IV, p. 185). “Não busquemos as cousas que são nossas, mas aquelas que não somente sejam da vontade do Senhor, como também contribuam para promover-lhe a glória” (CALVINO, 1985-1989, III.7.2).

²¹ A principal palavra usada no Antigo Testamento para designar eleição é o verbo בָּחַר (“Bāhar”), que significa, “escolher”, “eleger”, “decidir por”, etc. O verbo e os seus derivados ocorrem 198 vezes no Antigo Testamento. “Bāhar”, apesar de não ser necessariamente teológico, apresenta sempre a ideia de uma escolha criteriosa, bem pensada — daí, também o seu sentido de “testar”, “examinar” (Is 48.10; Pv 10.20) —, levando em consideração as opções (1 Sm 17.40; 1 Rs 18.25; Is 1.29; 40.20); o que não significa que as escolhas humanas sejam sempre as melhores como a ilustrada na passagem de Is 40.20.

busca um artífice perito para assentar uma imagem esculpida que não oscile” (Is 40.20; 44.14). “O artífice em madeira estende o cordel e, com o lápis, esboça uma imagem; alisa-a com plaina, marca com o compasso e faz à semelhança e beleza de um homem, que possa morar em uma casa” (Is 44.13). Por meio do profeta Isaías, Deus fala da loucura de servir a outros deuses, mostrando que “todos os artífices de imagens de escultura são nada, e as suas coisas preferidas são de nenhum préstimo; eles mesmos são testemunhas de que elas nada veem, nem *entendem...*” (Is 44.9). “A demanda gera o suprimento. Os ouvintes convidam e moldam os seus próprios pregadores. Se as pessoas desejam um bezerro para adorar, o ministro que fabrica bezerros logo é encontrado” (VINCENT, [s.d.], Vol. 4, (2 Tm 4.3), p. 321).

Creio que a observação de Stott está correta:

A igreja nem sempre é conhecida pela realidade profunda de sua adoração. De maneira especial, nós, os que nos denominamos ‘evangelicais’, não sabemos bem como adorar. Nossa especialidade é evangelizar – mas adorar, não. Parece que não temos muita consciência da grandeza e da glória de Deus. Nós não sabemos prostrar-nos diante dele em temor e admiração. (STOTT, 1997, p. 252).

Piper, escrevendo sobre Missões, inicia o seu livro de forma surpreendentemente objetiva:

As missões não representam o alvo fundamental da igreja, a adoração sim. As missões existem porque não há adoração, ela sim é fundamental, pois Deus é essencial e não o homem. Quando esta era se encerrar e os incontáveis milhões de redimidos estiverem perante o trono de Deus, não haverá mais missões. Elas representam, no momento, uma necessidade temporária. Mas a adoração permanece para sempre.

A adoração é, portanto, o combustível e a meta das missões. É a meta das missões porque nelas simplesmente procuramos levar as nações ao júbilo inflamado da glória de Deus. O alvo das missões é a alegria dos povos na grandiosidade de Deus (Sl 97.1; 67.3-4)[...]

As missões começam e terminam com a adoração.

Se a busca da glória de Deus não for colocada acima da busca do bem do *homem* nas afeições do coração e nas prioridades da igreja, o *homem* não será bem servido e *Deus* não será devidamente honrado. Não estou pleiteando por uma diminuição de missões, mas pela exaltação de Deus. Quando a chama da adoração arder com o calor da verdadeira excelência de Deus, a luz das missões brilhará para os povos mais remotos da terra. Eu anseio para a chegada desse dia!

Onde a paixão por Deus é fraca, o zelo pelas missões será fraco. (PIPER, 2001, p.

13-14).

As missões não são a meta suprema de Deus, a adoração, sim. (2001, p. 17).

A razão mais importante para a adoração ser o alvo das missões é porque ela é a meta de Deus. (PIPER, 2001, p. 18).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Firmados numa compreensão fiel das Escrituras, valendo-nos dos recursos que Deus nos fornece por meio de uma sólida Teologia, preguemos a Palavra com vigor, integridade, sinceridade e fidelidade, buscando sempre a glória de Deus, estando preparados para apresentar, quer com nossa vida, quer com nossa palavra, a razão de nossa esperança, que emana da promessa de Deus, sabendo que Deus é glorificado quando lhe obedecemos (Jo 17.4). Como instrumentos de Deus este deve ser o nosso propósito, este deve ser o nosso trabalho e a nossa oração.

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. *La proclamación del Evangelio*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1969.

BOICE, James M. *O Evangelho da graça*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

BRUCE, F.F. *La defesa apostólica del Evangelio*. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones Certeza, 1977.

BUSENITZ, Nathan. A Palavra da Verdade em um mundo de erro: Fundamentos da apologética Cristã. In: MACARTHUR, Jr., John, et. al. *Evangelismo: compartilhando o Evangelho com fidelidade*. São José dos Campos: Fiel, 2012.

CALVIN, John. "The Necessity of Reforming the Church," *John Calvin Collection*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998b).

CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*. São Paulo; Campinas: Casa Editora Presbiteriana; Luz para o Caminho, 1985-1989, 4v.

CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*: edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, 4v.

CALVINO, João. *As Pastorais*. São Paulo: Paracletos, 1998.

CALVINO, João. *Exposição de 1 Coríntios*. São Paulo: Paracletos, 1996.

CALVINO, João. Segundo Prefácio de Calvino à tradução da Bíblia feita por Pierre Olivétan (1546). In: FARIA, Eduardo Galasso (ed.). *João Calvino: textos escolhidos*. São Paulo: Pendão Real, 2008b.

CHAPPELL, Bryan. *Pregação cristocêntrica*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

CRAIG, William L. *Apologética cristã para questões difíceis da vida*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

CRAIG, William L. Fé, razão e a necessidade da Apologética: In: BECKWITH, Francis J. et. al. eds. *Ensaios apologéticos*. São Paulo: Hagnos, 2006.

EDGAR, William. *Razões do coração: reconquistando a persuasão cristã*. Brasília: Refúgio, 2000.

FRAME, John. *Apologética para a glória de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

HOOVER, A.J. Apologética: In: ELWELL, Walter A., ed. *Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988-1990, 3 v.

HORTON, Michael S. *O Cristão e a cultura*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998.

JOHNSON, Terry L. *Adoração reformada: a adoração que é de acordo com as Escrituras*. São Paulo: Puritanos, 2001.

KUIPER, R.B. *El cuerpo glorioso de Cristo*. Grand Rapids, Michigan: Subcomision Literatura Cristiana de la Iglesia Christiana Reformada, 1985.

LAWSON, Steven J. O Pregador da Palavra de Deus. In: PARSONS, Burk, ed. *João Calvino: amor à devoção, doutrina e glória de Deus*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010.

LEWIS, C.S. *Cartas do inferno*. São Paulo: Vida Nova, 1964.

LLOYD-JONES, D.M. Martyn. *Pregação e pregadores*. São Paulo: Fiel, 1984.

LLOYD-JONES, D.M. Martyn. *Santificados mediante a verdade*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2006. Série Certeza Espiritual, Vol. 3.

LLOYD-JONES, D.M. Martyn. Uma Escola Protestante Evangélica: In: *Discernindo os tempos*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1994.

LUTERO, Martinho. *Da liberdade do cristão: prefácios à Bíblia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

- MACK, Wayne A.; SWAVELY, David. *A vida na casa do Pai*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- MACRAE, Kenneth A. A Pregação e o perigo do comprometimento: In: *Fé para hoje*. São José dos Campos: Fiel, n° 7, 2000.
- MCGRATH, Alister E. *Apologética cristã no século XXI: ciência e arte com integridade*. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- MCGRATH, Alister E. *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do Evangelicalismo*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- MOHLER, JR., R. Albert. Pregar com a cultura em mente: In: DEVER, Mark, ed. *A pregação da cruz*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- PIPER, John. *Alegrem-se os povos: a supremacia de Deus em missões*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.
- PIPER, John. In: PIPER, John; CARSON, D.A. *O pastor mestre e o mestre pastor*. São José dos Campos: Fiel, 2011.
- PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. Série Os Pensadores, Vol. II.
- SCHAEFFER, F.A. *O Deus que intervém*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- STOTT, John. *Eu creio na pregação*. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- STOTT, John R.W. *Ouçá o Espírito, ouçá o mundo*. São Paulo: ABU Editora, 1997.
- THIELICKE, H. *Recomendações aos jovens teólogos e pastores*. São Paulo: Sepal, 1990.
- TOZER, A.W. *O poder de Deus*. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.
- VAN TIL, Cornelius. *Apologética cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- VAUGHN, John C. Apresentação do livro de FISHER, Tim. *O debate sobre a igreja*. São Paulo: Editora Batista Regular, 2005.
- VINCENT, Marvin R. *Word Studies in the New Testament*, Peabody, MA.: Hendrickson Publishers, [s.d.], 4v.
- XENOFONTE. *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. Série Os Pensadores, Vol. II.